

A DESCOBERTA DO "OURO BRANCO"



CECHAP - Centro de Estudos de Cultura,
História, Artes e Patrimónios

Ficha Técnica

TÍTULO - À Descoberta do “Ouro Branco”

COORDENAÇÃO DO CADERNO N.º 1 - Carlos Filipe

DESIGN E PAGINAÇÃO - Índice ICT & Management Lda.

EDIÇÃO - CECHAP - Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios

TEXTOS - Amélia Dionísio - CERENA - Centro de Recursos Naturais e Ambiente, DECivil, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Anabela Carvalho - Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro, Mem Martins, Sintra

Carlos Filipe - CECHAP | ARTIS - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Gustavo Paneiro - CERENA - Centro de Recursos Naturais e Ambiente, DECivil, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Maria João Pereira Coutinho - Instituto da História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa

Rute Massano Rodrigues - ARTIS - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

REVISÃO - Lina Maria Marrafa de Oliveira - CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS - CERENA - Centro de Recursos Naturais e Ambiente, DECivil, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

CECHAP - Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios

ISBN - 978_989_99164_5_6

IMPRESSÃO - Índice ICT & Management Lda.

DEPÓSITO LEGAL - 487724/21

DATA DA EDIÇÃO - 2021

ESTUDO - Património e História da Indústria dos Mármore - 3ª fase

Olá!

Eu sou o Lourenço!

Há algum tempo fui descobrir o Alentejo com a minha escola. Apesar de aí ter nascido foi imenso o que aprendi, juntando esta experiência ao que foi lecionado na sala de aula.

Acompanhou-me a minha amiga Rosa e uma curiosa cabrinha, chamada Aurora, e juntos descobrimos um autêntico “tesouro”: os Mármore do Alentejo!

Os meus avós nasceram em Vila Viçosa e já me tinham falado sobre o mármore, um material muito especial que existe na região e que é muito valioso para todos. Na escola também já tinha ouvido falar do mármore, mas só agora entendi a sua verdadeira importância!

Vem connosco nesta fantástica viagem de descoberta!



Vamos descobrir o Mármore!

O Lourenço e a Rosa estavam em viagem de estudo no Alentejo e, chegados perto de Borba, fizeram uma paragem para que a cabra Aurora, a mascote da turma, se pudesse deliciar com um pouco de pasto da planície alentejana. Subitamente, enquanto vigiava a cabrinha, a Rosa avistou ao longe uma encosta muito branca e brilhante, que parecia neve, e logo chamou o seu amigo Lourenço.

- Que se passa?

- Olha para esta encosta tão branca e tão linda. Até parece que nevou aqui! – exclamou a Rosa a contemplar com espanto a paisagem que se estendia à sua frente.



- Ó Rosa! Não me digas que nunca viste pedra de mármore!? – troçou o Lourenço.

- Isto é mármore?

- Sim!! Esta pedra é uma das riquezas da nossa região, até lhe chamam o Ouro Branco do Alentejo. Já agora, também ficas a saber que os mármore em Estremoz são explorados desde o tempo dos romanos.

- Ah! Já me recordo de o Professor falar disso na aula! Mas nunca tinha visto assim na paisagem! Lembro-me de ir passear com os meus pais a Vila Viçosa e ver um bonito Palácio e umas estátuas branquinhas nos jardins, e acho que também em Évora vi umas colunas meio em ruínas feitas de mármore.

- Pois é, Rosa. Isso são obras de arte feitas com mármore, mas, se calhar, até na tua casa tens mármore, na casa de banho ou na cozinha, bancadas feitas com pedra parecida com a que estás a ver aqui!



- Já que sabes tudo isso, diz-me, então, o que são estes pontinhos brilhantes que estamos a ver nas pedras? São diamantes?

- Não, Rosa... - disse o Lourenço, com muita paciência - Os pontinhos que vemos a brilhar são minerais. O diamante também é um mineral, mas estes grãozinhos são de um outro mineral que se chama calcite. O mármore é uma rocha formada por milhões de grãos de calcite.





- Como é que tu sabes tanto sobre pedras e minerais?

- Estou a ver que não andas muito atenta às aulas de Estudo do Meio...

- Pois é, Lourenço! Os meus pais dizem que eu muitas vezes estou com a cabeça na lua e os pés mal assentes na terra! – confessa a Rosa.



- Ora aí está um bom ponto de partida para continuar a ensinar-te umas coisinhas. Presta atenção: as pedras/rochas, como o mármore, são materiais naturais, portanto, são formados pela natureza, na superfície ou nas profundezas da Terra.

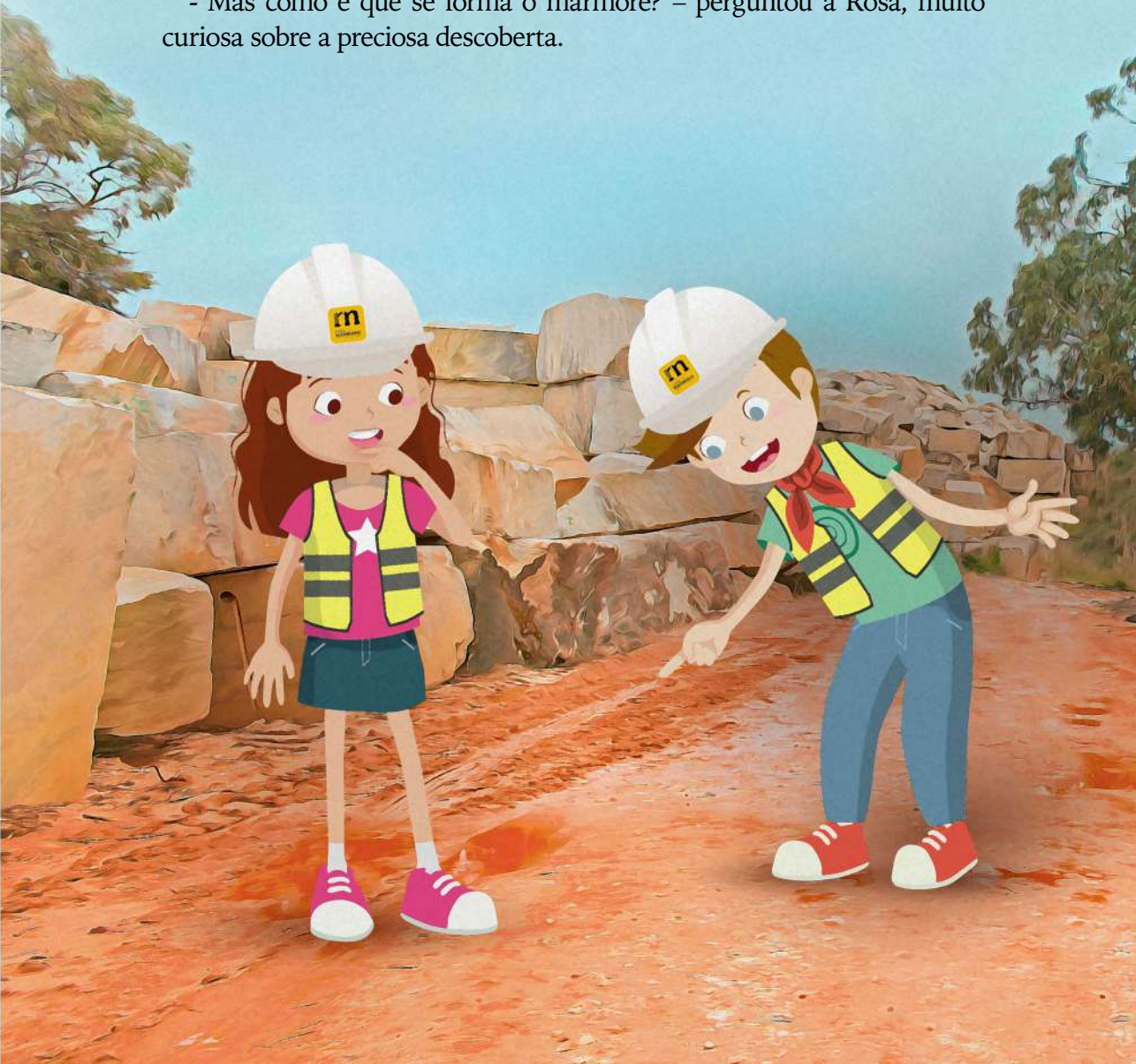
- Então, todas as pedras são como esta? - perguntou a Rosa.

- Não, Rosa! Existem muitas outras pedras e muito diferentes, e podes vê-las mesmo sem sair de Portugal. Podes encontrar granitos, xistos, calcários, basaltos...

- Entendo. Quer dizer que existem outros minerais para além da calcite! Com outras cores, uns mais duros que outros, uns mais brilhantes, outros mais coloridos...

- Isso mesmo. São os diferentes minerais que dão diferentes características às rochas, daí que elas sirvam para fazer coisas tão diferentes. E sabes que os solos são também formados a partir das rochas? Nesta zona do Alentejo os solos são muito avermelhados e barrentos, por isso servem não só para a agricultura mas também deles se extraem os barros que se usam na olaria e na cerâmica, que também são patrimónios do Alentejo!

- Mas como é que se forma o mármore? – perguntou a Rosa, muito curiosa sobre a preciosa descoberta.



Antes de responder, Lourenço empertigou-se com um ar muito sabichão, e até a cabrinha Aurora levantou a cabeça e pôs-se à escuta.

- Há rochas que se formam bem no interior da Terra e há outras que se formam mais próximas da superfície. O nosso planeta é muito especial e, como dizia Lavoisier, “nada se perde, tudo se transforma”! Portanto, as rochas formaram-se ao longo de muitos milhares e até milhões de anos. É o que os cientistas chamam o ciclo das rochas, e existem três tipos principais: sedimentares, metamórficas e ígneas.

O mármore é uma rocha metamórfica que se formou a partir de uma outra que já existia - um calcário (que é uma rocha sedimentar) - por ação de altas temperaturas e da pressão que existe no interior do nosso planeta.





A Rosa ficou muito surpreendida com esta explicação e lançou logo outra pergunta:

- Então, se o mármore se forma no interior do planeta, como é que estamos a olhar para esta encosta de mármore?

- Pois é, eu também estou intrigado. Acho que temos de perguntar ao nosso Professor.

Rapidamente, a cabra Aurora correu para junto do Professor e empurrou-o com o focinho em direção à encosta de mármore onde se encontravam o Lourenço e a Rosa. Sorridente com a insistência da Aurora e ouvindo a pergunta inteligente das crianças, o Professor respondeu com entusiasmo:

- Pois bem, os geólogos referem-se ao nosso Planeta da mesma forma que os biólogos se referem aos seres vivos. A Terra é um sistema vivo e existem movimentos complexos das placas tectónicas que levam a que as rochas aflorem à superfície. Mas esta é uma história com muitos, muitos milhões de anos.

De repente, ouviram-se uns sons estranhos que vinham da parte de trás da encosta. Perante a interrogação dos alunos, o Professor explicou que a pedra natural é utilizada pelo homem para variados fins, ao que o Lourenço retorquiu:

- É verdade, Professor. Ainda há pouco estava a dizer à Rosa que, muito provavelmente, teria algumas peças de mármore em sua casa, na bancada da cozinha ou na casa de banho.

- Exatamente, Lourenço – confirmou o Professor – Mas, para conseguirmos fazer essas peças ou obras de arte e até materiais de construção, há que explorar convenientemente este recurso natural,



o que se faz em pedreiras, utilizando técnicas apropriadas e máquinas de grande porte, para retirar os blocos de pedra. Daí os barulhos que estão a ouvir.

- Blocos?! Como assim? Blocos de pedra pequenos, não? – pergunta, curioso, o Lourenço.

- Nem por isso, Lourenço, os blocos retirados das pedreiras podem ser muito grandes e pesar milhares de toneladas, mas, são cortados com técnicas e máquinas apropriadas que possuem fios com diamantes, com um enorme poder de corte e, assim, são esquartejados em blocos mais pequenos que são levantados por guias e transportados.



Ouvindo atentamente a explicação do Professor, o Lourenço quis saber mais:

- Então, as máquinas têm de ser mesmo muito grandes, não é Professor?

- Sim, Lourenço, é verdade. Só para teres uma ideia, um pneu de uma dessas máquinas, que tem a capacidade de transportar um bloco com algumas centenas de toneladas, tem um raio aproximado à minha altura.

- Ai que medo! – exclamou a Rosa – Não é perigoso?

O Professor sorriu e concordou:

- Sim Rosa, é muito perigoso para uma pessoa que não esteja habilitada a manobrar estes equipamentos. A atividade numa pedreira só é permitida a profissionais ensinados e treinados para desempenhar este trabalho. Além disso, existem Engenheiros que monitorizam todo o processo e não só: zelam pela segurança quer com as máquinas, quer com outras questões relacionadas com a queda de pedras e muito mais.

A Rosa tranquilizou-se com a explicação, mas o Lourenço quis saber mais:



- Então, e o ambiente?

- Esse é precisamente um dos assuntos que mais preocupa os responsáveis pelas explorações de pedra natural. Na realidade, não é bonito ver-se uma pedreira aberta na paisagem e, quer queiramos, quer não, os equipamentos fazem ruído. Mas é por causa disso mesmo que os Engenheiros e os donos das pedreiras procuram constantemente encontrar e aplicar técnicas que não prejudiquem o ambiente

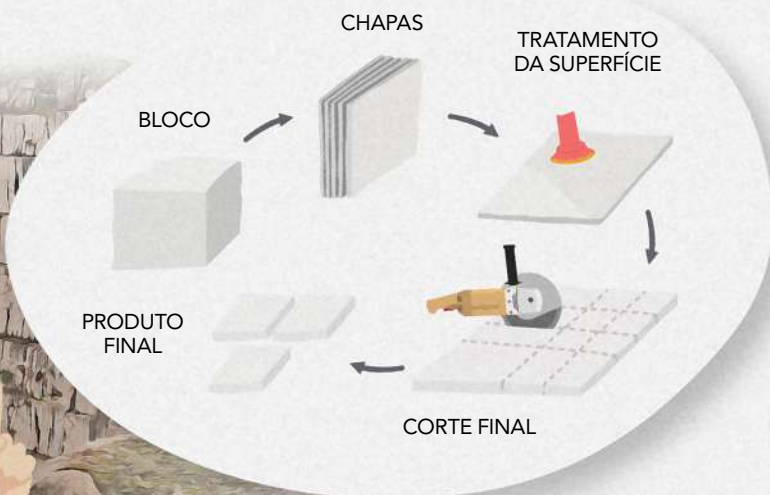
- Então, e os blocos são transportados para onde? – perguntaram em uníssono os dois amigos.

- Bom – continuou o Professor – normalmente os blocos de pedra são transportados para um parque onde ficam armazenados, até serem enviados para outro local ou destinados para um determinado fim. Por exemplo, para se fazerem ladrilhos para pavimentos, os blocos são primeiramente colocados em engenhos de serragem que os transformam em chapas.



- Mas... esses engenhos fazem logo com que o mármore fique brilhante?
- perguntou o Lourenço.

- Não, Lourenço. Para se obter esse acabamento, as chapas passam por várias fases de transformação, as quais incluem o polimento para ficarem com brilho, prontas a serem aplicadas.



- Mas... – adiantou-se novamente o Lourenço, pronto para colocar mais uma pergunta, logo interrompido pelo Professor:

- Vá, meninos, acho que já tiveram uma bela aula sobre exploração de pedra natural. Está na hora de regressarmos ao autocarro, senão atrasamo-nos para o resto da nossa visita de estudo.

A caminho do autocarro, com a cabrinha Aurora saltitando à frente dos meninos, a Rosa sussurrou ao ouvido do Lourenço:

- Quando chegar a casa vou ver todas as divisões e vou pedir ao meu Pai para tirar fotografias a todas as pedras que existirem em minha casa para mostrar ao Professor...

O Lourenço sorriu e exclamou: - Que boa ideia, Rosa! Vou fazer o mesmo.

Oficinas e ferramentas

Já no autocarro, a Rosa, que ficara a matutar no que o Professor lhe tinha dito acerca da transformação dos blocos em ladrilhos, não resistiu e perguntou:

- Mas nem todo o mármore é transformado em chapas, pois não? As estátuas não têm o formato de chapas!

- Pois não! – respondeu o Professor - Como há bocado vos disse, o mármore tem diversas aplicações e nem todas passam pelo seu corte em chapas. Alguns blocos de mármore, das mais diversas cores, têm outras utilizações e vão para oficinas de canteiro e ateliers de escultores.

O Lourenço meteu-se na conversa, explicando à Rosa:

- É aí que são transformados em esculturas e outras decorações bonitas com muitos feitios. O mármore é trabalhado com máquinas, mas também com outras ferramentas, algumas muito antigas, já utilizadas desde o tempo dos romanos.

- Já estou a ver que percebes do assunto! – exclamou o Professor.

- O meu avô uma vez mostrou-me umas ferramentas que eram do pai dele, que era canteiro... Elas serviam para o talhe do mármore – disse o Lourenço com um ar sabichão.

- Bem me parecia que sabias mais disto. – disse o Professor – Tenho aqui umas imagens de algumas dessas ferramentas, querem ver? Cada uma tem a sua função.



Os mármore no Património

- Então, é com estas ferramentas que fazem muito do que vemos nos nossos monumentos?! – perguntou a Rosa, entre espantada e desconfiada – Elas parecem-me bem pequenas, e alguns monumentos são tão grandes... deve ser uma trabalhadeira! Ainda por cima, o mármore é duro!



- Sim meninos, é um trabalho muito demorado e muito complicado, não é fácil e exige muita prática. – explicou o Professor - Qualquer erro, fica tudo estragado! Quando se trabalha com pedra, não dá para apagar com uma borracha ou para pintar por cima, como acontece com um desenho ou uma pintura. No entanto, apesar da dificuldade, o Mármore de Estremoz, devido à sua beleza e qualidade, há muitos séculos que vem a ser escolhido para as mais diversas construções, aparecendo em revestimentos exteriores e interiores, elementos decorativos e escultóricos, como colunas, cunhais, molduras, aduelas, capitéis, mísulas e portais, em pavimentos (por vezes conjugado com outras pedras), e ainda em esculturas e nos mais diversos objetos.

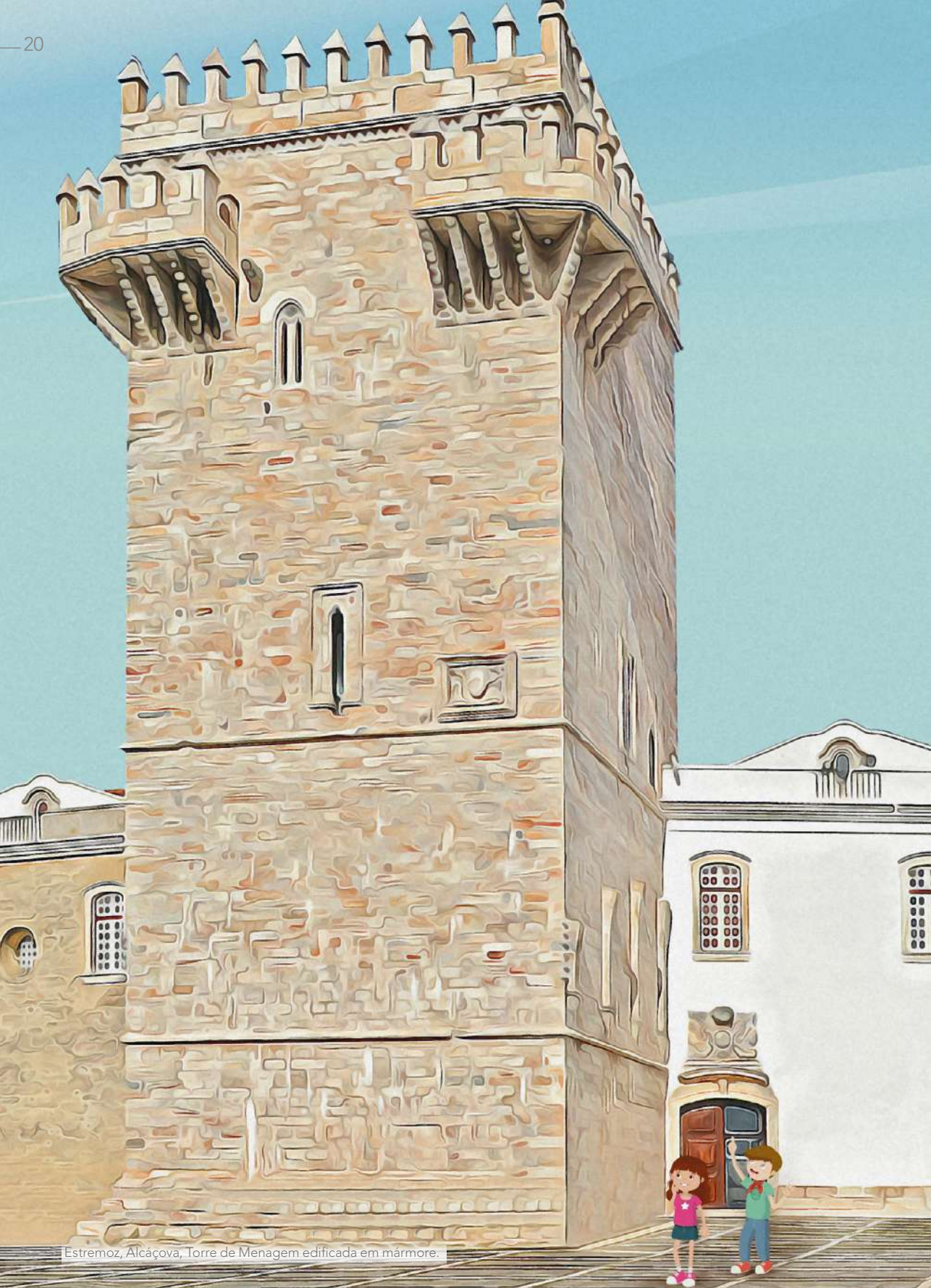
- E digo-vos mais - continuou o Professor - encontramos mármore de Estremoz não só em todo o Portugal, mas também em outros países – enfatizou o Professor.

- A sério? – admirou-se o Lourenço.

- Sim, já iremos falar disso. Como eu estava a dizer, podemos encontrar o mármore alentejano em igrejas, conventos, palácios, castelos, fontes, e até nas nossas casas e nos passeios que pisamos.

Vocês não têm é reparado... O património ligado ao mármore é muito vasto e não é só o que vocês veem, mas também está presente nos ofícios, nas tradições e na história. Até alguém da vossa família pode ter estado ligado ao trabalho nas pedreiras, como o bisavó do Lourenço, ao talhe do mármore.

Mas o que é o (nosso) Património? De uma forma muito breve, podemos dizer que é a herança de todos nós, transmitida entre gerações, reconhecida como fazendo parte da nossa história e da nossa cultura. Esta herança é composta por pequenos elementos que são só nossos, e que nos tornam únicos: a nossa paisagem, os nossos monumentos, as nossas localidades, as nossas tradições, entre muitas outras pequenas e grandes coisas que fazem de nós quem somos!



Estremoz, Alcáçova, Torre de Menagem edificada em mármore.

Era uma vez...

A paragem seguinte foi Estremoz. Ao chegaram ao castelo, diante da torre de menagem, o Lourenço exclamou:

- Ahh! Já viste Rosa? É feita de mármore! E é tão grande! E eu que já tinha passado por esta torre tantas vezes e nunca tinha notado.

- Sim, tem quase 27 metros de altura e mais de seiscentos anos – explicou o Professor - É muito provável que tenha sido construída com mármore daquelas pedreiras por onde passámos há pouco, chamadas Cerca de Santo António. Mas, agora há que continuar viagem. O dia está a passar e ainda temos de ir a Évora. Agora olhos bem abertos, não temos tempo para ver muito mais, mas vamos passar por algumas igrejas, chafarizes... Vejam como eles são, que eu depois falarei de alguns deles.

Logo que chegaram a Évora, após terem dado água à sua mascote Aurora, o Lourenço lembrou-se das tais colunas que a Rosa ali tinha visto, e pediu ao Professor:



- Podemos ir ver umas colunas meio arruinadas que existem nesta cidade?

- Imagino que estejas a falar do templo romano de Évora. Vamos vê-lo e eu vou falar-vos um pouco acerca dele.

Quando chegaram, a Rosa, apontando para as colunas, disse desapontada:

- Eu achava que eram de mármore, mas elas estão muito sujas! Há muito tempo que não devem tomar banho – comentou com um ar brincalhão.

O Professor riu-se e explicou:



- Como já vos contei, há muitas centenas de anos, ainda os romanos por cá andavam, já os mármore de Estremoz eram retirados das pedreiras e utilizados aqui e noutras zonas do Império, em esculturas e edifícios, como templos. No caso deste templo a sua construção terá tido início no séc. I d.C. Pensa-se que seria dedicado ao culto do Imperador Augusto. À semelhança de outros templos, da sua arquitetura fazem parte uma série de colunas, a cujo conjunto se chama colonata. E estas colunas são feitas de Mármore de Estremoz!

- A sério? Todas elas? - perguntaram os alunos.

- Uma coluna é composta por três elementos principais: base, fuste e capitel. Aqui empregaram mármore branco nas partes mais importantes e mais ornamentadas: nas bases, e nos capitéis. Nos fustes utilizaram granito, outra pedra que também se encontra na região, daí a cor mais escura, Rosa. Estes capitéis são formados por dois blocos de Mármore de Estremoz e estão esculpidos de acordo com a Ordem Coríntia, com representação de folhas e rebentos de uma planta chamada acanto.



Ilustração de Capitel Coríntio.

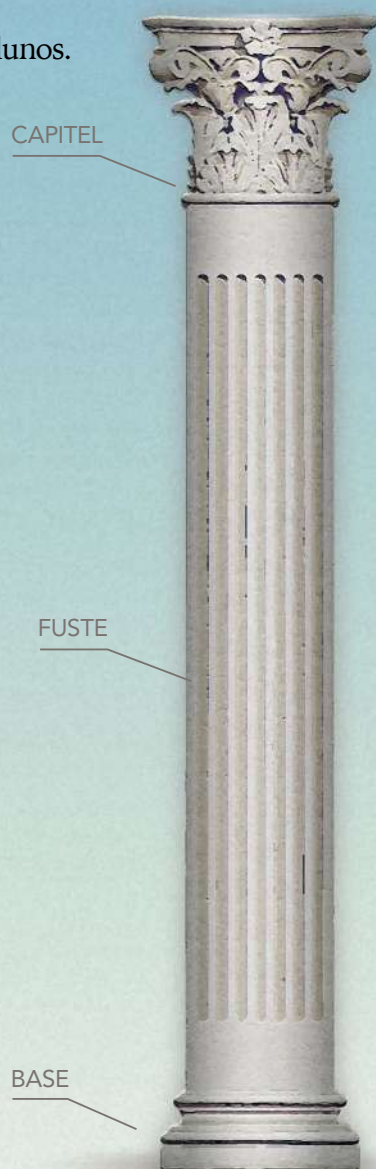


Ilustração de Coluna Coríntia.

- O Professor há pouco falou noutros países em que se encontram monumentos feitos com mármore alentejanos – lembrou o Lourenço.

- É verdade! Em Espanha encontramos diversos exemplos da utilização de Mármore de Estremoz e, já que estamos a falar de tempos muito recuados, vou referir o Teatro Romano de Mérida, construído entre os anos 16 e 15 a.C., ainda mais antigo que este de Évora. Tenho aqui uma foto, reparem nas colunas! Estão a conhecer este mármore? – perguntou o Professor.

Curiosos, os alunos correram todos para tentar ver. A Aurora até baliu assustada com tamanho rebuliço.



Ilustração de postal representando o teatro romano de Mérida. Mármore das pedreiras de Vila Viçosa.

- É muito parecido com algum do que já vimos! – exclamaram admirados o Lourenço e a Rosa.

- Pois é! – concordou o Professor - E sabem porquê? Porque vem exatamente do mesmo sítio, de Estremoz!

- Professor, gostava tanto de ver mais coisas. Temos de voltar já para a escola? – perguntou a Rosa meio triste.

- Descansa, ainda temos tempo para um breve passeio. Por exemplo, aqui na Sé de Évora também podemos encontrar Mármore de Estremoz, mas agora vamos conhecer alguns exemplares daquilo a que chamamos arquitetura da água – afirmou o Professor.



Intrigados, os meninos olharam uns para os outros e começaram a sussurrar:

- Da água?! São casas feitas de água?!

O Professor ouviu-os e logo esclareceu:

- Não! Estou a falar das fontes, a que também chamamos chafarizes ou fontanários, em que o mármore está mais diretamente associado à água. Durante muitos anos, estas foram estruturas muito importantes para as populações, uma vez que era através delas que era garantido o abastecimento de água. Notem que não existia água canalizada como hoje e as pessoas tinham de ir buscar água às fontes.

- Já viste a trabalhadeira que era, Rosa? – questionou o Lourenço. Se quiséssemos tomar banho, tínhamos de nos deslocar à fonte imensas vezes, e até para dar água à Aurora tínhamos de ir buscá-la! – disse com um ar cansado só de imaginar tal coisa.

- Sim meninos, era complicado. Mas vamos continuar...- disse o Professor, prosseguindo com a explicação.

- Como não poderia deixar de ser, estas construções são feitas com os materiais da região, neste caso o mármore, pelo que apresentam



uma grande riqueza. Aqui em Évora estamos a ver o chafariz da Praça do Giraldo, datado de 1573 e da autoria de Afonso Álvares, mestre-de-obras do infante D. Henrique. Tem uma forma circular e é construído em mármore branco de Estremoz. Mais antigo que este é a fonte do Largo das Portas de Moura, de 1556, projetado provavelmente por Diogo de Torralva.

- Que giro! – exclamou o Lourenço - Já tenho visto muitas fontes, mas nunca tinha tomado atenção nos materiais de que são feitas!

- Agora já passas a reparar, e os teus colegas também. E existem muitas mais. Já não temos tempo de lá ir, mas, um exemplar mais recente, concluído por volta de 1785, é a fonte de Dona Maria ou das Bicas, em Borba. É de grandes dimensões, toda realizada em mármore da região e até está classificada como Monumento Nacional desde 1910.

- Vá meninos, agora é que temos mesmo de voltar à escola. Amanhã vou continuar a falar-vos do mármore e das suas aplicações. Entretanto, aproveitem a viagem de regresso para irem reparando nos vários locais por onde formos passando e nos materiais que aí se encontram.



Os Mármore nas igrejas, conventos, palácios e outros edifícios

- Bom dia! – exclamou alegremente o Professor quando entrou na sala de aula na manhã seguinte – Então, gostaram da nossa viagem? Assim que pudermos vamos fazer outra, para vos mostrar melhor Évora e também Estremoz, Borba e Vila Viçosa, e os seus monumentos.

- Boa! Que bom! – sussurraram entusiasmados os alunos.

- Eu gostei muito, esta noite até sonhei com mármore. – avançou logo a Rosa.

- Eu também adorei a viagem, aprendi muitíssimo! – secundou o Lourenço.



- Hoje vou continuar a falar-vos sobre os mármore, porque ainda há muito para ver e para aprender - disse o Professor - À medida que for falando, irei mostrando imagens.

Vamos viajar na sala de aula!

E começou a explicação:

- Já devem ter reparado que muitas igrejas e antigos conventos são verdadeiros museus! Na maioria das vezes foram mandados construir por reis, rainhas, príncipes e princesas, ou por pessoas muito importantes, e neles se foram reunindo magníficas obras de arte, ao longo dos tempos. Em muitos destes edifícios o Mármore de Estremoz está muitas vezes presente, quer nas fachadas quer no interior, em retábulos, púlpitos, lavabos, pias batismais, teias ou cancelos, esculturas e outros elementos decorativos, por vezes conjugado com outras rochas ornamentais, como as que se podem encontrar na zona de Lisboa e arredores.

- Também se podem encontrar os designados embutidos, uma técnica decorativa que foi muito utilizada nos séculos XVII e XVIII, em muitos edifícios.

- Que bonito! – exclamaram quase em uníssono os alunos.

Os embutidos eram utilizados em pavimentos e paredes e, para produzir belos efeitos, eram utilizados calcários e mármore das mais diversas cores. Neles encontramos, por vezes, os brancos e rosas de Estremoz, assim como os cinzentos. Os embutidos de pedraria dos séculos XVII e XVIII realizados em Portugal foram herdeiros diretos de uma técnica romana.



- No Alentejo podemos encontrar os mármore de Estremoz em muitos locais, alguns muito conhecidos, como a Sé de Évora, a igreja de Santa Maria de Estremoz ou o convento dos Agostinhos de Vila Viçosa.

- Mas, lembrem-se que também podem encontrar os mármore do Alentejo noutras regiões. Em Lisboa, por exemplo, podemos vê-los na capela-mor da igreja do Mosteiro dos Jerónimos, na igreja de São Roque ou na sacristia do Colégio de Santo Antão-o-Novo e, na zona centro, em edifícios como a basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Fátima.

- E não nos podemos esquecer que os portugueses levaram os mármore para fora do país - continuou o Professor - Nos séculos XVII e XVIII, os mármore e calcários portugueses iam para o Brasil e para África, onde eram aplicados nas igrejas, mosteiros e conventos.

A pedra calcária mais comum era o Lioz, extraído e trabalhado em Portugal, transformado em retábulos, lavabos, etc., e depois embarcada e acondicionada, servindo de lastro do navio.





Junto com a carga seguia um oficial de pedreiro, que, após a chegada da encomenda ao seu destino, era responsável pela colocação das peças no local para onde tinham sido projetadas. No antigo convento de Santo António, no Rio de Janeiro, encontra-se um lavabo português esculpido em Mármore de Estremoz!

- Para além da arquitetura religiosa, o Mármore de Estremoz também está presente na arquitetura civil, em palácios reais e outros edifícios. Por exemplo, no Palacete dos Morgados Cardosos e nos Paços do Concelho de Borba, na Quinta do Carmo e no Antigo Solar dos Albergaria em Estremoz.

- E já visitaram o Paço dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa? – questionou o Professor.

- Já lá passei uma vez, mas não o visitei – respondeu o Lourenço. Mas lembro-me que ele é muito grande, tem muitas janelas.

- O Paço de Vila Viçosa foi iniciado logo nos primeiros anos do século XVI e, algum tempo depois, a sua extensa fachada, que tem 110 metros de comprimento, viria a receber o revestimento de mármore branco e ruivina que ainda hoje ostenta, tornando a fachada do Palácio muito mais bonita.

- Em Lisboa também temos belos exemplares da aplicação dos mármore do Alentejo. Por exemplo, no edifício da Assembleia da República que, no tempo da monarquia, a partir de 1834, se chamava Palácio das Cortes e que tinha sido o Mosteiro de São Bento da Saúde, começado a construir em finais do século XVI.

- Olha Rosa, é o edifício que costumamos ver na televisão! – disse o Lourenço à Rosa, espantado.



Vila Viçosa, Fachada do Paço dos Duques de Bragança.

- Sim, estou a falar de um local que é bem conhecido de todos e muito importante – afirmou o Professor, continuando. - No final do século XIX, início do século XX, quando ali foram realizadas obras, um importante arquiteto chamado Miguel Ventura Terra utilizou na Sala dos Passos Perdidos e na Sala das Sessões, o Mármore de Estremoz em algumas paredes, e em capitéis de colunas e de pilastras, combinado com pedras da região de Lisboa e Sintra, como o lioz e o encarnadão.

- Da próxima vez que virem este edifício na televisão, já sabem que ali existem mármore do Alentejo!

- Não se esqueçam do que aprenderam! – concluiu o Professor – E se forem a Lisboa e andarem de metropolitano, estejam atentos! Até aí, em várias estações, podem encontrar mármore do Alentejo em revestimentos e esculturas!



TRIMMM! – soou a campainha

- Hora do recreio! - anunciou o Professor – Podem sair da sala.

Quando passou pela Rosa e pelo Lourenço perguntou-lhes:

- Então, gostaram de viajar pelo universo dos mármore?

- Sim, Professor! – responderam em simultâneo.

- Não fazia ideia de que os mármore estavam em tantos sítios, que alguns são tão antigos e utilizados de tantas formas! Quando é que vamos ver mais? Podíamos voltar a Estremoz e a Évora, ir a Borba, Vila Viçosa, Lisboa, e até Mérida – sugeriu o Lourenço,



secundado entusiasticamente pela Rosa, e cabrinha Aurora, saltitando à roda dos meninos, antecipando mais aventuras.

- Muito bem. Até decoraste os locais. – Elogiou o Professor – vou contar-vos um segredo. Quando ontem parámos para a Aurora pastar, já sabia que ali havia um tesouro que gostariam de descobrir..

Não me enganei! Enquanto não voltamos a fazer uma viagem de estudo, procurem encontrar mármore nos locais onde vivem e onde passeiam e tentem saber mais nos livros e na internet. Façam uma lista, tirem fotos e perguntem aos vossos familiares... podem ficar surpreendidos.

- Estás a ver Aurora... ajudaste a descobrir um tesouro. – disse a Rosa fazendo uma festa à cabra, enquanto esta balia gentilmente, feliz pelo seu “achado”.

- Sim, o Mármore de Estremoz, é mesmo um tesouro e é nosso património! Temos de o valorizar como merece e tratar muito bem dele.
– rematou o Lourenço.



Bibliografia:

ALHO, Patrícia. “A aplicação do mármore na hidráulica: chafarizes”. In *Mármore 2000 Anos de História, Volume I - Da Antiguidade à Idade Moderna*, coordenado por Vítor Serrão, Clara Moura Soares e André Carneiro, 297-311. Lisboa: Theya, 2019.

CABRAL, João M. Peixoto, MUSTRA, Carla O., HAUSCHILD, Theodor. “A proveniência do mármore dos capitéis do Templo Romano de Évora”. *Conimbriga* XLIII (2004): 171-177. DOI: 10.14195/1647-8657_43_7.

CARVALHO, A. M. Galopim de. *Geologia Sedimentar. Volume I - Sedimentogénese*. Lisboa: Âncora Editora, 2020.

CARVALHO, A. M. Galopim de. *Geologia Petrogénese e Orogénese*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997.

COUTINHO, Maria João Pereira. “A Produção Portuguesa de Obras de Embutidos de Pedraria Policroma (1670-1720)”. Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

ESPANCA, Túlio. “Artes e Artistas em Évora no Século XVIII”. *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal (1ª Série)*, n.º 21 (1950): 75-141.

FILIPE, Carlos. “Os mármore do Alentejo no século XVIII, entre a procura e a oferta”. In *Mármore 2000 Anos de História, Volume I - Da Antiguidade à Idade Moderna*, coordenado por Vítor Serrão, Clara Moura Soares e André Carneiro, 237-293. Lisboa: Theya, 2019.

LOPES, Luís. “Pedras dos Monumentos de Évora”. In *Évora com Ciência – Percursos*, editado por Mariana Soler, Mariana Valente e António Candeias, 137-163. Universidade de Évora, 2019. <http://hdl.handle.net/10174/26898> (acedido em 16 out. 2020).

CARNEIRO, André. “A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização”. In *Mármore 2000 Anos de História, Volume I - Da Antiguidade à Idade Moderna*, coordenado por Vítor Serrão, Clara Moura Soares e André Carneiro, 55-120. Lisboa: Theya, 2019.

LOPEZ JIMENO, Carlos. *Manual de Rocas Ornamentales – prospección, explotación, elaboración y colocación*. Madrid: Universidad Politécnica de Madrid, Escuela Técnica Superior de Ingeniería de Minas, 2012.

MONTEIRO, Patrícia. “Famílias de pedreiros na “região do mármore”: os Cordeiro”. In *Mármore 2000 Anos de História, Volume I - Da Antiguidade à Idade Moderna*, coordenado por Vítor Serrão, Clara Moura Soares e André Carneiro, 197-236. Lisboa: Theya, 2019.

MOREIRA, Noel, LOPES, Luís. “Caracterização dos Mármore de Estremoz no contexto dos mármore da Antiguidade clássica da Zona de Ossa Morena”. In *Mármore 2000 Anos de História, Volume I - Da Antiguidade à Idade Moderna*, coordenado por Vítor Serrão, Clara Moura Soares e André Carneiro, 13-54. Lisboa: Theya, 2019.

RODRIGUES, Rute Massano, SOARES, Clara Moura. “Ventura Terra e o elogio (possível) dos mármore de Estremoz na obra de reconstrução e monumentalização do Palácio das Cortes (1896-1903)”. In *Dinâmicas do Património Artístico. Circulação, Transformações e Diálogos*, editado por Clara Moura Soares e Vera Mariz, 90-99. Lisboa: ARTIS-IHA, FLUL, 2018. <http://artispress.letras.ulisboa.pt/index.php/artispress/catalog/view/4/2/8-1> (acedido em 23 out. 2020).

SERRÃO, Vítor. “Testemunhos da “nobre arte do mármore” na arquitetura e na escultura maneirista alentejana (séculos XVI-XVII): três casos de estudo”. In *Mármore 2000 Anos de História, Volume I - Da Antiguidade à Idade Moderna*, coordenado por Vítor Serrão, Clara Moura Soares e André Carneiro, 173-196. Lisboa: Theya, 2019.

SOARES, Clara Moura, RODRIGUES, Rute Massano, SANTOS, Mariana Penedo dos. “A fachada grandiloquente do paço ducal de Vila Viçosa: cenário de mármore para as comemorações centenárias de 1940”. In *Mármore 2000 Anos de História, Volume II - A evolução industrial, os seus agentes económicos e a aplicação contemporânea*, coordenado por Ana Cardoso de Matos e Daniel Alves, 159-219. Lisboa: Theya, 2019.

VALLECILLO TEODORO, Miguel Ángel. *Retablística alto-alentejana: Elvas, Villaviciosa y Olivenza en los siglos XVII-XVIII*. Mérida: UNED Centro Regional de Extremadura, 1996.



Estremoz

Borba

Vila Viçosa

Évora